



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **TERNOS DE CONGADO, SANTOS E ANCESTRAIS: AS REDES DE INTERAÇÃO NO CONTEXTO DA FESTA DO ROSÁRIO EM MINAS GERAIS**

**Daniel Albergaria Silva**

**UFJF**

[nielalbergaria@hotmail.com](mailto:nielalbergaria@hotmail.com)

### **Apresentação**

A observação de campo que deu origem a este artigo abarca a Festa de Nossa Senhora do Rosário que ocorre entre os meses de agosto a outubro em algumas cidades do interior de Minas Gerais. Acompanhei algumas festas para elaborar minha dissertação de mestrado intitulada “O Ritual da Congada e o ‘*estar no rosário*’: um estudo etnográfico acerca da festa e das mediações em São João del Rei”, (SILVA, 2009). Inicialmente farei uma apresentação deste fenômeno social, a Festa do Rosário e a Coroação de Reis Congos, passando rapidamente pelos temas das irmandades religiosas de leigos em devoção a N. Sra. do Rosário no século XIX. Em seguida, almejando contextualizar os coletivos que hoje promovem este festejo, anunciarei os atores que realizam a festa e como se constituem enquanto grupos de congada. Assim, irei me deter em algumas formulações que conduziram a observação etnográfica, refletindo acerca das estratégias utilizadas na pesquisa de campo. Só então apresentarei elementos simbólicos rituais do festejo, e as práticas registradas entre os ternos a partir do contexto de interação em instantes ritualizados da Festa do Rosário.

A região onde realizei pesquisas de campo é conhecida como “Campo das Vertentes”, pertencente à zona da mata, sudeste do estado de Minas Gerais. Parte das cidades, distritos e lugarejos onde a festa foi acompanhada, entre os anos de 2007 e 2009, estão situadas ao longo do que se pode denominar recentemente por “Estrada Real”, roteiro turístico que na última década recebeu incentivos do governo do estado. A cidade de São João del Rei (SJDR), foco inicial da pesquisa, é reconhecida, juntamente com outras cidades de Minas Gerais como Ouro Preto, Mariana e Serro, em relação às irmandades



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

religiosas e aos festejos a elas relacionados, a seu histórico de mineração no período colonial e da consecutiva utilização do trabalho escravo em tal empreitada. Sobre a associação de escravos africanos às irmandades de leigos, em especial às Irmandades do Rosário, Célia Borges (2005) e Marina de Mello e Souza (2003) oferecem ótimas reflexões:

(...) como essas associações eram meios do grupo instituir formas de solidariedade, principalmente frente à morte e à doença, algumas vezes facilitando a obtenção da liberdade dos que eram escravos. (...) as confrarias funcionavam como sociedades de ajuda mútua, mas também serviam como canais por meio dos quais era possível controlar a vida dos africanos e com eles negociar” (SOUZA, 2003, p.163)<sup>1</sup>.

Muitas vezes convertidos ao catolicismo antes mesmo do embarque nos “navios negreiros”, rumo à colônia de Portugal, os africanos iniciavam uma jornada onde tribos e clãs, além de práticas culturais e dinâmicas de existência, teriam se reconfigurado, organizações sociais seriam modificadas ao mesmo tempo em que constituiriam características específicas frente à nova situação social<sup>2</sup>. Souza (2002) narra a dimensão que o culto a N. Sra. do Rosário assumiu, junto aos viajantes, traficantes de escravos, no contexto da colonização, citando Tinhorão, a autora destaca “(...) o patrocínio de Nossa Senhora do Rosário era invocado pelos devotos brancos em favor dos que iam à África tratar com negros, (...)” (*apud* SOUZA, 2002, p.162). Junto à existência de culto a outros santos durante as Festas do Rosário, registradas por mim, como São Benedito, Sta. Efigênia e N. Sra. Aparecida, o destaque eminente era para N. Sra. do Rosário.

(...) na tentativa de entender a adesão dos africanos às irmandades do Rosário. Mas uma vez constatado que eles ingressaram em irmandades religiosas, principalmente as que tinham N. Sra. do Rosário como orago, o que importa destacar é que isto ocorreu em Portugal, assim como posteriormente na América portuguesa, da mesma forma que na Espanha e em diversos lugares da América espanhola. (SOUZA, 2002, p.161-162)

---

<sup>1</sup> Destaque para o fato das irmandades terem registros em livros de atas nas Igrejas, contendo nomes dos ingressantes, notas de falecimento, nascimento, dos alforriados, etc.

<sup>2</sup> Obviamente, a situação social relacionada ao tráfico de escravos para as colônias de Portugal não está vinculada a todos os povos africanos que vieram para o Brasil durante o período.



Souza (2002) ainda apresenta registros históricos de diversos agrupamentos de negros realizando festejos em adoração à N. Sra, do Rosário e à Coroação de seus próprios reis denominados Reis Congos. Em cada um dos locais para onde foram destinados escravos africanos, também foram registradas formas semelhantes na realização do festejo além de algumas transformações, “(...) a eleição de reis negros e as celebrações a ela associadas estiveram presentes em quase todos os lugares que receberam escravos africanos.” (SOUZA, 2002, p.167). As festas aglutinavam agrupamentos de escravos ou ex-escravos que, em forma de cortejo, cantavam, dançavam, saudavam santos católicos e coroavam seus próprios reis.

Atualmente existem certas especulações se os agrupamentos formados no período da colonização nestas festividades, e que se constituem ainda nos dias de hoje, os ternos de congado, com variações a depender da região acompanhada, se constituíam em torno das “origens étnicas” dos grupos provindos da África ou se os grupos se constituíam em decorrência das situações instauradas pelo regime escravista, sendo que este último, segundo Borges (2005) e Souza (2002), muitas vezes separava os diferentes povos no território da colônia para evitar possíveis insurreições. Isto certamente impossibilitaria a organização, na colônia, de grupos de negros provindos de uma mesma região da África. “A perspectiva aqui adotada privilegia o encontro de diferentes culturas, em determinados contextos sociais, como processo a partir do qual são criadas novas formações culturais” (SOUZA, 2002, p. 166). Contexto este de colonização e escravização.

### **Contexto atual e formulações teóricas**

Em alguns relatos orais quando das pesquisas de campo, os congadeiros anunciavam que as congadas seriam uma forma de aglutinar negros escravos para trabalharem em roças distantes, afirmando que, “*ia de congada*” até o local do trabalho (congadeiro do local denominado de Rio das Mortes). É comum também, dizerem que o dia da festa realizada pelos negros representava o único dia de descanso dado pelo patrão durante todo o ano. Neste dia, era realizada a festa em homenagem à padroeira, onde também eram coroados reis, denominados Reis Congos. Outros ainda dizem que a congada



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

era uma forma de conseguir dinheiro para alforriar negros, e que cada negro alforriado, ao participar destes grupos, peregrinava por Minas Gerais procurando locais para o garimpo, de onde retiravam ouro e diamantes, almejando também alforriar outros escravos. Dizem que os negros alforriados eram na verdade comprados, no caso de hoje, pelos “*capitães de congada*”, para fazer parte de suas tropas. Estes relatos coletados em diferentes momentos da pesquisa de campo evidenciam, juntamente com algumas cantigas executadas pelos ternos durante o festejo, como a Festa do Rosário não pode ser encarada apenas a partir de uma perspectiva religiosa, perpassando assim, camadas de sentido que certamente extrapolam esta perspectiva de análise.

Inúmeras interações ocorrem devido a contextos urbanos ou rurais onde encontrei este fenômeno festivo, ocasionando relações entre administração municipal e o financiamento de um festejo ou grupo, relações dentro do bairro de uma cidade, entre grupos de um mesmo bairro ou entre bairros, entre cidades diferentes realizando os festejos e convidando ternos de outras localidades a participarem de suas festas<sup>3</sup>, e ainda, interações entre “religiosidade afro” e igreja católica. Frequentemente ocorre de pais-de-santo do candomblé, vinculados aos ternos de congado, participar destes festejos. No momento da “*Missa Inculturada*” ou “*Missa Conga*”, que ocorre no final da Festa do Rosário, no domingo, geralmente o padre, que celebra a missa, divide um palanque montado à porta da igreja (já que estas missas costumam serem campais) com a presença de líderes comunitários, “*festeiros*”<sup>4</sup>, pais de santo e Reis Congos. As festas geralmente movimentam bairros tidos por periféricos na cidade de São João del Rei (SJDR), englobando diversos agentes sociais no auxílio à mesma, seja através do padre da paróquia, pessoas de outros bairros, moradores locais que se tornam “*festeiros*”, que doam lanches e almoço para os grupos de congado da cidade e/ou região, convidados para o evento, além é claro, da participação dos membros dos ternos de congado e de eventuais candidatos políticos em período eleitoral.

<sup>3</sup> Como irei anunciar adiante, nas festas são ofertadas comidas a um ou mais grupos convidados; existe a “*saudação no mastro*”; “*busca do andor*” de um santo católico; visitação às casas da comunidade; “*Missa Inculturada*”; procissão e “*retirada do mastro*”. Todos estes momentos são realizados pelos grupos em cortejo, onde dançam e cantam.

<sup>4</sup> “*Festeiras(os)*” são pessoas responsáveis por organizarem uma festa que receberá os congados. Existe uma cantiga que normalmente este grupo executava: “*ôh festeira / ôh festeira / ôh festeira sua festa é de primeira*”.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

A maioria dos congadeiros são trabalhadores rurais ou pessoas com empregos temporários na cidade (como auxiliar de pedreiro, diaristas, etc.), empregados por um patrão em algum serviço, estes últimos, geralmente exigem grande força física (trabalhos braçais). Em algumas regiões rurais onde acompanhei o festejo, é nítido que o fenômeno é eminentemente executado por negros, mas não exclusivamente. Em outros locais, geralmente nos espaços um pouco mais urbanos, a presença de negros também é preponderante. Longe de pretender retirar a ênfase do congado como herança escrava, realizada pelos negros de hoje, venho destacar outra dimensão frequentemente acompanhada<sup>5</sup>, a dimensão de um tipo de ocupação no mercado de trabalho que pode, algumas vezes, estar associada ao festejo, porém, dimensão não exclusiva. Algo que talvez contribua para “marcar a posição social destes congadeiros” seriam as ocupações ou alocação no mercado de trabalho, no entanto, não é este o intuito aqui. Brandão (1985), no estudo “A festa do Santo Preto”, possibilita-nos uma ótima visualização das relações entre congadeiros e suas alocações de empregos e serviços. Acredito que as considerações do autor se aproximam muito das presenciadas nas festas que acompanhei, ele ainda destaca na obra, um quadro onde estariam alocados os congadeiros no que tange ao vínculo empregatício<sup>6</sup>.

Desta forma, considero este folguedo popular perpassando vínculos institucionais, dentre eles, relações familiares, religiosidades, vínculos empregatícios, noções de classe, enfim, perpassando categorias sociológicas como a de comunidade, a idéia de tradição em contraposição a uma modernidade, conceitos em torno das quais poderíamos demarcar tal atividade, assim como os membros da mesma, porém, seria difícil restringir o fenômeno a alguma destas noções sociológicas. A pergunta que nos caberia aqui é se estes agentes, os congadeiros, constituem um campo de interações, e mais especificamente, o que está em jogo para eles quando se referem ao Congado e à Festa do Rosário.

Assumindo tal colocação, pretendi acompanhar o que os participantes mobilizavam nestes momentos festivos, focando no que pertence à esfera de ação dos agentes neste contexto situacional (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). A partir desta consideração, foi

<sup>5</sup> E que certamente apresenta estreitas relações com a já anunciada “dimensão de herança escrava”.

<sup>6</sup> Sobre estas considerações e sobre o quadro acima referido, ver BRANDÃO, 1985. p.54.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

pretendido apresentar possibilidades de abordar este fenômeno social sem lhe conferir conceitos pensados de antemão – *a priori* – tomando os dados da interação etnográfica como material primordial para reflexão e possibilidade de construção de teorias etnográficas (GOLDMAN, 2006). A perspectiva etnográfica permitiu focar a observação no que os congadeiros anunciavam no momento da festa, ou seja, como organizavam e, em torno de que, estabeleciam suas associações. Não aspirei identificar categorias sociológicas no fenômeno observado, tais como etnia, identidade, tradição, classe ou outro decalque que se poderia colar ao fenômeno e nos impedir de perseguir o que os atores nos ofereciam de suas associações para se referirem a este fenômeno social (LATOUR, 2006). Foi assim que a pesquisa de campo foi conduzida a partir das interações que os congadeiros anunciavam como relevantes na consideração acerca da Festa do Rosário. Com a proposta de trazer as experiências etnográficas para dialogar em mesmo grau epistemológico das formulações teóricas proferidas pela “filosofia ocidental” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002), foi enfatizada a preocupação, já visualizada por Louis Dumont (1985), de não estendermos universalismos inerentes a nossas formulações teóricas a outros contingentes populacionais. Tornou-se importante ao abordar o festejo, que se desdobra desde o período escravista até os dias atuais, pautadas evidentemente por contextualizações locais, levarmos a sério o que os grupos responsáveis pela festa anunciavam durante o evento, seja por suas cantigas, toques musicais, dança, dentre outros objetos ou símbolos rituais, o que propiciava, de certa maneira, uma comunicação entre os atores deste fenômeno social.

Símbolos rituais manipulados em momentos específicos da festa (veremos isso mais adiante) permitiram acompanhar a constituição de redes de interação entre ternos distintos. Foi preciso considerar então que, para além dos demais grupos de congado, os ternos estendiam relações sociais, através da utilização de símbolos rituais durante momentos específicos do festejo, a ancestrais mortos, santos católicos e a entidades do panteão africano. Levar a sério as colocações dos congadeiros possibilitou considerar esta linguagem como fundamental tanto para classificar os diferentes grupos quanto para caracterizar os festejos. Assim, anunciarei as interações de campo que julguei centrais, pois permitiram a elaboração ou construção do que seria, na expressão nativa, o “*estar no*



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

*rosário*” (estar na festa para um terno), o que iremos denominar aqui como ficção antropológica, teoria etnográfica ou experimento conceitual.

A experiência etnográfica junto aos ternos, priorizando as associações anunciadas e oferecidas pelos congadeiros em campo, tornou possível certa construção teórica, o “*estar no rosário*”. Perseguir os agentes no contexto da Festa do Rosário permitiu acompanhar a constituição de uma rede de interação entre grupos de localidades distintas, e isto, em decorrência da manipulação de símbolos rituais em momentos específicos do festejo destacados pelos congadeiros. Anunciando vínculos entre ternos de cidades do campo das vertentes.

### **Dos agrupamentos e das festas**

Observar a Festa do Rosário realizada pelos congados envolveu registrar variações e transformações dos grupos no festejo, vale ressaltar que existem agrupamentos com nomações e características distintas entre os ternos participando da mesma festividade, pois todos são considerados congados. É comum a estas formações de grupo, constituir uma espécie de relação familiar entre seus membros, instituindo certa fraternidade ou confraria, isto ao mesmo tempo em que há relatos da existência de ternos de congada compostos exclusivamente por membros de uma mesma família consanguínea.

Os ternos se dispõem durante a festa em forma de cortejo, efetuam cantigas, realizam toques musicais através de instrumentos específicos, como o tambor, muitas vezes denominado de “*caixa*”, e realizam certas danças, uma espécie de “*evolução*”, saudando N. Sra. do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, São Sebastião, dentre outros santos católicos, inclusive o festejo pode até mesmo levar o nome de um destes santos. As subdivisões existentes entre os grupos foram caracterizadas enquanto “*tipos de ternos*”, variando as indumentárias, instrumentos, danças, ritmos, toques e até mesmo variações relativas aos seus mitos e ritos em relação ao festejo do Rosário<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Mitos que versam sobre a aparição de N. Sra. do Rosário aos negros provindos da África. Geralmente o ritual é marcado por esta narrativa mítica. Infelizmente não poderei me deter aqui à grande maioria destas transformações relativas às características citadas.



Com intuito de identificar algumas denominações entre os grupos, é que exponho minimamente as características de Ternos de Congado acompanhados e peço desculpas por não enfatizar as variações melódicas executadas a partir de uma linguagem musical<sup>8</sup>.

Os denominados “grupos de Moçambique” geralmente executam “batidas de tambor mais lentas” do que os demais grupos. Os membros trazem amarrados aos pés pequenas latas contendo esferas, as “*gungas*”, quando os congadeiros fazem movimentos específicos com os pés, realizando uma dança conjuntamente com seu grupo em cortejo, as passadas ditam a toada e ritmo da melodia proferida pela Guarda de Moçambique. Outro instrumento característico é o “*patangome*”, que pode ser feito com duas calotas de carro unidas uma a outra e contendo esferas dentro que, manuseadas de forma específica produzem um som peculiar. O Moçambique é marcado por passadas mais lentas do que de outros ternos, sua musicalidade contém “*viradas*” ou repiques específicos no tambor que, confeccionado em couro de boi, segue algumas variações a depender da cantiga executada pelo capitão do grupo. Outra variação do congado é o Catopé ou Catupês, traz como instrumento, que pode ser considerado característico do grupo, além dos tambores, o “*reco-reco*”, pedaço de madeira ou de bambu mais grosso que, ao se friccionar um bastão no mesmo, os pequenos cortes ou trastes feitos no pedaço de bambu, produzem determinado som. Seus toques de tambor, juntamente à dança e ao cântico, possuem ritmos um pouco mais “*acelerados*” que os do Moçambique. O Terno Vilão tem por instrumento o tambor, o pandeiro, às vezes o reco-reco. A batida executada, em grande parte do cortejo deste grupo é “um pouco mais rápida” que a do Catopé, sua musicalidade contém mais “*viradas*” ou mais “*toques dobrados*” do que os demais grupos. O Congado, que já os acompanhei utilizando uma pequena saia colorida por cima da roupa branca, traz como instrumento o tambor, pandeiros, bandolins (em alguns casos) e até mesmo a sanfona. Seu toque musical apresenta “*viradas*” bem características, diferenciando-se dos demais grupos.

Longe de tentar definir ou restringir estes grupos e suas denominações através dos instrumentos ou da musicalidade, pois podem variar, utilizo esta caracterização como forma

---

<sup>8</sup> Minhas colocações se debruçam sob a forma que alguns congadeiros se referiam aos toques, indicando assim a duração dos intervalos entre as batidas (toques) e a quantidade de batidas de tambor em um espaço de tempo específico.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

de ilustrar os congados e os congadeiros. A “definição” relativa ao nome ou à categorização destes grupos em diferentes segmentos deve também respeitar o nome que o terno anuncia em sua “bandeira” trazida à frente do grupo. É nesta bandeira que está estampada a imagem do santo padroeiro do grupo. Almejando uma provável classificação entre os grupos, é importante atentar para os nomes dos mesmos e, muitas vezes, dos santos, que geralmente estão bordados em letras coloridas na bandeira, assim como para os toques e melodias, a indumentária, as danças do grupo, seus mitos e a composição do cortejo. Esta última, em geral é feita por duas filas de congadeiros, com sua bandeira à frente e o capitão do terno atrás desta e, entre as filas ou, como no caso do Moçambique, uma formação mais circular dos membros logo atrás da “bandeira do terno”.

Nas Festas do Rosário acompanhadas, sempre estiveram presentes mais de um grupo de congado<sup>9</sup>, sendo comum encontrarmos ternos de locais distintos, convidados durante outros festejos, e até mesmo mais de um grupo de um local a “oferecer a festa”. A escolha de grupos a serem convidados para as festas uns dos outros, descortinavam interesses específicos referentes à interação entre eles neste contexto situacional, o que configurou como um dos dados centrais a serem perseguidos junto aos congadeiros.

Vale ressaltar que o espaço do festejo aparece como local de agregação e trocas recíprocas, de convites, de cânticos, melodias, danças, troca de comida, de *saberes* sobre os utensílios utilizados nos congados uns dos outros, etc. Nestes espaços é preciso seduzir, deslumbrar o parceiro do outro grupo, é preciso atingir os objetivos antes que os outros, provocar contatos e trocas mais importantes (MAUSS, 2003). Reciprocidade, concorrência e rivalidade, nos termos específicos anunciados pelos grupos, são motivos que subjazem a seus atos nos procedimentos efetuados durante estes encontros. O espaço da festa, de trocas e visitas é, sobretudo, dádiva.

Na festa, espaço de encontro entre ternos variados e de localidades distintas, é anunciada uma linguagem comum, mas não única, na realização dos procedimentos de saudação a santos católicos, a reis Congos, aos ancestrais e a entidades do panteão afro

---

<sup>9</sup> Sempre há grupos convidados de uma festa para outra, a não ser o Congado de N. Sra. do Rosário do local denominado Rio das Mortes, onde o grupo não convida outros ternos para sua festa. Lá a festa é realizada apenas com o grupo local.



brasileiro. Resta precisar que as dinâmicas de interação entre os ternos são mediadas por procedimentos simbólicos manipulados durante o contexto festivo, o que visa também à saudação aos santos (entendidos como entidades do panteão africano, ancestrais e santos católicos). Estes laços sociais seriam perpassados por procedimentos simbólicos que deveriam ser manipulados pelos grupos em instantes específicos durante o cortejo na festa.

Anunciarei a seguir como interações de campo constituíram dados centrais para se “percorrer o festejo”, e que a partir de uma controvérsia anunciada pelos congadeiros, em meu primeiro encontro com o grupo que acompanhei, é que se constituiu o dado a observar. Desejo evidenciar como definições dos congadeiros relativas aos grupos, à festa e aos “outros”, humanos e não-humanos, que também estavam envolvidos no festejo, começaram a ser colocadas para mim. Assim, irei focar as primeiras relações de campo com estes agentes e de como persegui as associações que me foram oferecidas, demonstrando, através das conexões estabelecidas pelos atores, como estes elaboravam e constituíam um social (LATOUR, 2006). Para isso, tive que levar a sério as considerações dos congadeiros acerca do que fazia parte para eles, da elaboração de um mundo social.

### **No campo, as interações**

O primeiro festejo que presenciei juntamente com o terno que “segui durante o campo”, “Terno de Moçambique e Catupê do bairro São Dimas” de SJDR, definiu, de certa maneira, por onde iniciaria minhas observações. Chegando de ônibus no local denominado Trindade, o grupo iniciou uma formação em cortejo, com seus vinte congadeiros mais ou menos, executando cantigas e toques de tambor até a entrada da casa que iria recebê-los para um almoço. Entregaram a *bandeira* do grupo, onde estava impressa a imagem de N. Sra. do Rosário em uma, e a imagem de São Benedito na outra, para o dono da casa que, após recebê-las e escutar algumas cantigas pronunciadas pelo capitão e repetidas em coro pelo grupo, convidou-os para entrar, devolvendo as bandeiras às “*bandeireira do terno*”<sup>10</sup>. No intervalo em que o grupo parou de tocar e acomodou-se para receber o almoço, ofertado

---

<sup>10</sup> *Bandeireira(o)* é quem carrega a bandeira de um terno durante o cortejo.



pelo dono da residência, alguns congadeiros, instalados no quintal, me perguntavam se eu fazia parte “*do grupo do maracatu*”. Foi assim que o capitão do grupo, único com o qual eu já havia conversado anteriormente, enfatizou para os mesmos que eu era da universidade de Juiz de Fora e pretendia acompanhar o grupo deles, “*é pra ele tentar aprender um pouco sobre congado pra poder realizar uma pesquisa*” (capitão de Congado). Foi neste momento que travei as primeiras conversas com membros deste terno que, imediatamente, me informaram sobre festas do Rosário na região que eu deveria acompanhar caso quisesse saber algo sobre o congado. Neste ambiente é que o capitão iniciou suas colocações sobre “*o grupo do maracatu*” e sobre o grupo de congado, criando um importante cenário dentro do qual foquei a observação sobre o festejo.

Narro rapidamente o panorama em torno do “*grupo de percussão de maracatu*”<sup>11</sup>. É importante salientar que este grupo constituído em SJDR a partir de oficinas de percussão, tinha por intuito ensinar toques do maracatu para seus membros, na maioria estudantes universitários e professores, no entanto, começaram a participar em forma de cortejo de algumas Festas do Rosário organizadas por Ternos de Congado na supracitada cidade. Com tambores adquiridos de Recife, as *alfaias*, feitas de tronco de árvore e couro de boi, com demais instrumentos do maracatu como *agbes* (cabaça com formato específico, trançada com sementes ou miçangas), *gonguês* e *ganzás*, o grupo produzia sua musicalidade efetuando os denominados “*baques de maracatu*”. Estes toques foram trabalhados e transmitidos pelo coordenador da oficina que, por sua vez, teria aprendido “*os baques*” também em oficinas de maracatu/percussão no estado de Pernambuco. Posteriormente, este mesmo grupo se separou, dando origem a outro “*grupo percussivo de maracatu*” que continuou a freqüentar as festas do Rosário de SJDR e região. O grupo inicial se restringiu às oficinas, não mais atuando nas festividades após a fragmentação.

Dentre este cenário é que certas considerações iniciais dos congadeiros sobre a Festa do Rosário foram narradas. Logo de início, o capitão enfatizou que o terno do qual fazia parte estaria realizando a festa em Trindade “*sem receber um centavo*”, não estavam indo “*dar show*”, mas estavam ali por causa do Rosário, “*estavam no rosário*”, segundo ele isso

---

<sup>11</sup> Grupo denominado desta forma, pois segundo o capitão do congado, era constituído em oficinas de percussão que ensinavam o toque desta manifestação folclórica de Pernambuco, o maracatu.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

era importante, e não se havia alguém assistindo. Enfatizou ainda que “o grupo de percussão de maracatu” havia começado a tocar e a sair em cortejo em algumas Festas do Rosário da cidade, sendo, muitas vezes, a “atração principal” no dia da festa, segundo ele, o grupo queria ser um dos últimos a tocar durante o festejo, e que, ao chegarem “já vão tocando”, às vezes almoçavam durante o festejo com os congadeiros e em seguida, iam embora, “não é a toa que eles racharo, não agradece nem as festeira nem nada” (Capitão de Congado).

Durante o festejo do Rosário existem momentos bem demarcados pelos congadeiros como, chegada de um terno a um referido local, saudação àqueles que o convidara, “saudação aos mastros” dos santos<sup>12</sup> referentes à festa, “entrada na igreja”, “saudação a um cruzeiro” próximo, solicitação, através de cantigas, para um almoço ou lanche, despedida para se retirar do local onde fora ofertado o almoço, “busca do andor” de algum santo católico, participação na “Missa Conga”, acompanhamento da procissão realizada com o andor do santo, com o padre que teria celebrado a missa, o Rei Congo, os demais grupos de congado e população local. Junto a estes momentos poderia haver também um “encontro entre bandeiras”, quando dois ternos se encontram e saúdam as bandeiras uns dos outros. Estes momentos anunciam de forma geral, o que ocorreria em um dia principal de Festa do Rosário, geralmente no domingo. Em todos estes momentos/situações há a manipulação de objetos como “o bastão de capitão”<sup>13</sup> ou a “bandeira do grupo”, existindo também cantigas, danças ou passos específicos que podem ser realizados pelos ternos, onde muitas vezes, vários grupos executam seus procedimentos ao mesmo tempo.

Através de ênfases do capitão, se referindo ao que os grupos de maracatu não faziam nas festas, é que o mesmo começou a me informar o que um grupo de congada

---

<sup>12</sup> São Benedito, N. Sra. do Rosário, Santa Efigênia, geralmente possuem suas imagens estampadas em quadros que são dispostos no alto de mastros, levantados por um terno, durante os dias festivos. Permanecem em frente a igreja e todos os grupos ao chegarem, saúdam os mastros, encostam suas bandeiras em cada um e realizam cantigas específicas ao “santo do mastro”.

<sup>13</sup> “Bastão de capitão” são bengalas de madeira que podem conter figuras antropomórficas talhadas na extremidade do mesmo. Existem também bastões em cores variadas, o capitão o leva junto de si e, por vezes, assim como a bandeira, ele é encostado nos mastros no momento de uma saudação e em altares dentro da igreja. É com o bastão em mãos que o capitão faz referência aos toques e cantigas a serem executados por seu terno ou o momento de cessar a mesma, realizando apenas um movimento com o bastão. É comum um capitão possuir mais de um bastão.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

deveria fazer durante uma festividade, salientando a importância de se perceber as “posições” e procedimentos de um terno em alguns dos momentos demarcados acima, podendo assim, inferir qual grupo “*teria fundamento*” para participar do festejo.

“As vezes aquele grupo ali ó, com coroa de papel, de pé no chão, (descalços) bem humilde mesmo, é que tem força. Num precisa ter aquele monte de fita colorida, aquelas caixa grande fazendo aquele barulhão pra ter força não?! (alusão ao grupo de maracatu que também tocara durante o festejo e fora bastante aplaudido em frente a Igreja do local) A gente num pode disfazê de ninguém, tem vez que aquele grupo com poucas pessoas, a cantiga ali baixinha, mas sê vai ver tem um fundamento danado...” (Capitão de Congado)

Outro momento que foi possível perceber as interações entre os ternos, já no final de outra festa acompanhada, foi após a procissão, realizada por sua vez, após a “*Missa Conga*”, quando os ternos entram na Igreja levando o andor de N. Sra. do Rosário. Um terno de Moçambique então cantou na porta da igreja.

“ôoo companhia.../ Nossa mãe quando apareceu, apareceu em rocha de pedra / foi sô Vigário buscá nossa mãe, nossa mãe num veio é.../ foi banda de musica buscá nossa mãe, nossa mãe num veio/ Foi congadeiro busca nossa mãe ela não veio / Foi catupezero nossa mãe num veio ée / Foi vilãozero nossa mãe aluiuuuu / Ôôooo... mas com moçambiquero nossa mãe saiu / Com moçambiquero nossa mãe saiu.” (cantiga executada por um grupo de Moçambique ao levar o andor de N. Sra. do Rosário para o interior da Igreja)

Esta passagem faz alusão à aparição de N. Sra. do Rosário aos *homens pretos* ou aos antigos escravos (referida acima como “*nossa mãe*”) neste momento anunciam os demais agentes envolvidos no processo de “*retirar a santa de seu local de aparição*” e da tentativa de “*levá-la até a Igreja*”. Quando fazem alusão à aparição “*da santa*” aos antigos negros, os congadeiros enfatizam que vários “agrupamentos” foram tentar buscá-la para levá-la até a Igreja, mas ela apenas teria “*aceitado*” quando um terno de congado a levou, com “*os negro formando lá um grupo com uns tambor, feito por eles mesmo, foram lá batendo caixa e cantando, até que ela (a santa) sensibilizou lá com eles e vêio*” (Congadeiro da Festa do Rio das Mortes). Na versão cantada na porta da igreja, o grupo responsável por



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

“*levar a santa*”, teria sido o moçambique, no momento do festejo todos os grupos em procissão conduzem o andor até o interior da igreja, porém, o Moçambique segue logo à frente do andor, sendo o último a tocar no festejo, o que talvez ofereça uma explicação de porquê “*o maracatu*” poderia não ter sido bem visto quando pretendia ser o último grupo a tocar em uma festividade do Rosário, além é claro, de não seguir alguns itinerários necessários aos grupos de congado, e nem de realizar procedimentos durante o contexto festivo, seja de saudação a outro grupo, aos mastros da festa, à entrada em uma igreja ou residência, à coroação de um rei ou rainha conga, etc.

A noção, “*estar no Rosário*”, servia de início tanto para o grupo de congada se referir à própria atuação durante o momento em que estavam no festejo, quanto de contraponto para sua atuação a partir das ações do “*grupo de percussão de maracatu*”. Nos momentos posteriores, acompanhando o grupo em outras festas, o terno e o capitão se utilizaram de outros contrapontos para se referirem ao que seria o “*estar no Rosário*”, como por exemplo, os demais grupos de congado que participavam dos festejos. A atuação, formação e demais características dos ternos anunciadas como relevantes foram, em ocasiões posteriores, constantemente enfatizadas pelo capitão para ilustrar a necessidade de se “*ter fundamento*” para participar do festejo. As cores das indumentárias, a musicalidade do grupo, sua toada, assim como a evolução de seu cortejo, a “*colocação de cantigas*” em momentos específicos, poderiam dizer muito sobre o “*estar no Rosário*” de outro grupo.

Por meio desta noção, “*o estar no rosário*”, é que se pode dizer que os grupos identificavam-se uns aos outros como tendo ou não “*fundamento*”, o que revelaria possíveis vínculos dos ternos seja com seus antepassados, santos e entidades, ocasionando assim, convites para participarem das festas uns dos outros. Saliento que os procedimentos simbólicos rituais efetuados durante o cortejo dos grupos (cantigas e toques específicos, manipulação de objetos, dentre outros) em situações já destacadas (“*saudação entre bandeiras*”, “*saudação no mastro*”, “*entrada em igreja ou casa*”, agradecimento a uma oferta de comida), seriam passíveis de análises por outros grupos e assim, meio pelo qual constituiriam possíveis laços sociais.

### **Considerações finais**



Assumir a noção “*estar no rosário*” como possibilidade reflexiva ou experimento conceitual, envolvia considerar que saudações, restrições, procedimentos devocionais, dentre outras ações dos ternos durante o festejo, enfatizavam possíveis vínculos destes com ancestrais mortos, entidades do panteão africano e a santos católicos. As relações estabelecidas com demais grupos durante o contexto da festa era mediada assim pelas relações que cada grupo conseguiria manter, através de seus procedimentos simbólicos, com estes não-humanos, o que lhes possibilitava permanecerem “*firmes no Rosário*”. Para “*estar no rosário*” era necessário seguir uma série de restrições e procedimentos que permitiriam ao congadeiro e ao grupo, não sofrerem infortúnios que poderiam advir durante e após o momento da festa, e ao mesmo tempo, criar laços com outros grupos que também julgavam deter “*fundamentos sobre o festejo*”. A boa atuação de um grupo em relação a seus procedimentos poderia lhe garantir convites de “*ternos com fundamento*”, ocasionando trocas cada vez mais importantes, estendendo sua rede de relação festiva.

As trocas ocorridas entre os ternos sejam de comidas, de cânticos, de danças, de convites para participarem das festas, são mediadas por uma relação estendida a entidades que convencionalmente são, para nós, parte do mundo sobrenatural e/ou mágico-religioso. Também ocorreram algumas situações onde se trocavam certos “objetos”, como chapéus, “*bastão de capitão*”, Rosários, etc.

A partir de algumas ênfases do capitão de congado, informante central deste trabalho, podemos perceber como ele de certa forma, relaciona o fato do “*grupo do maracatu*” ter se separado ou como ele mesmo dizia “*rachado*”, por este não seguir certos procedimentos necessários para “*estar no rosário*”. Este acontecimento, de separação do grupo de maracatu, era visto pelos congadeiros como refletindo as atuações destes nos festejos do Rosário, pois não realizando alguns procedimentos necessários para “*estarem no Rosário*”, poderiam então, “*sofrer os efeitos do rosário*” (capitão de Congado do Terno de SJDR). Ao menos é isso que podemos considerar caso possamos garantir a estes outros que estudamos um lugar de “*outrens*” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002), que constituem associações e vínculos que constroem um social, distinguindo-os assim, do lugar que normalmente resguardamos aos “outros” dentro de nossa própria cultura.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## BIBLIOGRAFIA

BORGES, Célia Maia. *Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais: séculos XVIII e XIX*. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A festa do Santo Preto*. Rio de Janeiro: Funarte/Instituto Nacional do Folclore; Goiânia: UFG, 1985.

DUMONT, Louis. *O Individualismo*. Trad. Álvaro Cabral – Rio de Janeiro: Roço. 1985.

GOLDMAN, Márcio. “Alteridade e experiência: Antropologia e Teoria Etnográfica”, In: *Etnográfica*, Vol.X (1): 161-173, 2006.

LATOUR, Bruno. *Changer de société. Refraire de la sociologie*. Paris: Éditions La Découverte, 2006.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

SILVA, Daniel Albergaria. *O Ritual da Congada e o “estar no rosário”: um estudo etnográfico acerca da festa e das mediações em São João del Rei*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O nativo relativo” In: *Mana*, 8(1):113-148, 2002.